



Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos - UFRJ

VOLUME 6 NÚMERO 2

Julho/ Dezembro 2010

"EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E OUSADIA"

Prof.^a Dr.^a Angela Brêtas

No caminho de quem ousa há sempre muitos riscos, mas o que seria da vida sem os perigos e os desafios que nos movem? Se fosse possível viver sem correr riscos, a vida não seria o que é. Não seria colorida, intensa e maravilhosa e não haveria oportunidades de aprimoramento.

“Viver é muito perigoso... Porque aprender a viver é que é o viver mesmo... Travessia perigosa, mas é a da vida”, já dizia Riobaldo, narrador e protagonista de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. E, eu, em um ato de extrema ousadia, mais uma vez, me arrisco e arremato afirmando que pesquisar e buscar construir novos caminhos de conhecimentos é estar, continuamente, no fio da navalha.

Perigoso, muito perigoso.

Aprender, ensinar, educar, rir, criar, ousar, enfim, mergulhar fundo na vida, são atitudes carregadas de emoções que norteiam minha trajetória pessoal e profissional e que estão no centro de minhas ações, das mais simples às mais complexas. Por isso, agradeço as chances de prestar esclarecimentos sobre minhas realizações e de situar os colegas acerca de minhas intenções como educadora e pesquisadora da área do lazer. Ademais, estas situações reiteram minha vocação para compartilhar conhecimentos e ajudam na organização de meu pensamento.

Sou professora da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da UFRJ, Doutora em Educação (UERJ), Mestre em Educação (UFF), Especialista em Psicomotricidade (UNESA) e Licenciada em Educação Física. E, deste lugar que ocupo, não posso me colocar em uma posição de descaso com a formação de meus alunos. Todas

as minhas intervenções, desde aquelas que acontecem no interior das salas de aula, como também aquelas que compõem as outras demandas de um Professor Doutor comprometido com esta Instituição são pautadas pela ética, pelo respeito e pelo compromisso político.

Tenho experiência com as áreas ligadas ao desenvolvimento infantil, à psicomotricidade, à ludicidade, ao lazer e, mais recentemente, à história da educação física, do lazer e das práticas corporais sistematizadas. Nos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física da EEFD, sou responsável por ministrar disciplinas ligadas à teoria e à prática da atividade física para crianças, às teorias do lazer e à recreação e jogos, portanto, trabalho no interior do conjunto formado pelas vinculações destas áreas com as questões didático-pedagógicas que devem nortear as atuações do professor de Educação Física, seja ele licenciado ou graduado (antigo bacharel). Na EEFD estamos formando educadores em ambas as áreas, pois estes futuros professores irão estabelecer relações pedagógicas com seus alunos, estejam eles na escola ou no clube.

Atuando mais diretamente junto ao curso de Graduação, estou preocupada em ampliar as discussões acerca do lazer e em abrir para meus alunos possibilidades de intervenção socialmente engajada neste âmbito. Não posso me fechar em quatro linhas sem considerar quando, onde e com quem estou trabalhando, o que quero com meu trabalho e de que modo posso atingir meus objetivos. Assim, não posso, no campo não-formal de atuação, agir de maneira inocente, alienada e descompromissada. Pensar que a Educação Física se resume aos aspectos motores, biológicos, anatômicos ou aos aspectos referidos às biociências de forma geral, é pensar o homem e a educação de maneira muito limitada, é desconsiderar as dimensões afetivas, cognitivas, sociais, políticas e culturais que estão presentes nas relações que travamos com o conhecimento historicamente produzido.

Intervir no campo do lazer é uma grande oportunidade de ter contato com estas outras dimensões da vida humana, além de ser, em um curso de formação de educadores, a possibilidade de se deparar com as questões que marcam essa sociedade excludente e perversa que se estrutura com base em uma terrível e injusta distribuição de renda. Atuar neste campo é poder entrar em contato com esta desigualdade que gera conseqüências cruéis para a vida de todos. O lazer não é uma panacéia para a sociedade, mas pode tornar-se um espaço de dignidade, de elevação da auto-estima e de empoderamento individual e coletivo. Não falo do lazer entendido somente como oportunidade de consumo, apesar de

considerar as discussões de Canclini (2005). Trato do tempo de lazer como espaço no qual os sujeitos podem ter acesso ao que lhes é negado cotidianamente em termos de conhecimento.

Nessa jornada busco apoio em vários estudiosos, dentre eles, Victor Melo, Edmundo Alves Jr., Néelson Carvalho Marcellino, Christianne Gomes Werneck, Hélder Isayama, José Guilherme Magnani, Frederic Munné, Joffre Dumazedier, Néstor Garcia Canclini, Jesús Martín-Barbero, Beatriz Sarlo, Pierre Bourdieu, Stuart Hall e Edward Palmer Thompson.

Os pesquisadores da Educação Física e de áreas afins, que se interessam, produzem e acompanham os debates do campo, sabem que as atividades de lazer são culturais. Dumazedier (1974, 1974a, 1980) ajuda na compreensão deste aspecto ao criar um quadro no qual classifica as atividades de lazer em cinco grupos de interesses culturais, quais sejam: artísticos, intelectuais, sociais, manuais e físicos. Atualmente, com o aprimoramento do debate, incluímos os interesses digitais e turísticos.

Um problema causado por esta classificação é a ignorância de alguns acerca dos conceitos de cultura. Durante muito tempo aceitou-se, sem contestação, que cultura era o conjunto de tudo o que a humanidade havia produzido de melhor em todas as áreas do conhecimento. Vista como única e universal, tinha na educação o meio pelo qual se poderia alcançar suas mais elevadas manifestações. Os alemães deram uma grande colaboração para o fortalecimento deste conceito, que criava distinções, ao denominar de *kultur* sua própria contribuição à humanidade nas áreas das artes, da literatura, da filosofia e da religião. Julgando-se superiores, sua *kultur* foi tomada como algo a ser copiado e cultuado. A distância entre o homem “cultivado” e o menos “cultivado” indica a diferença entre quem tem acesso à educação e a um modelo de conhecimento socialmente valorizado e quem, não tendo acesso, não tem valor. Elitismo, distinção e hierarquia marcam esta visão de cultura e justificam situações de dominação e de exploração, pois legitimam a concepção de que o homem culto é superior aos demais. Este modelo baseado na ideia de uma cultura única e universal, entretanto, se identifica com um padrão branco, machista, judaico-cristão e eurocêntrico.

Contudo, as pressões daqueles que não se enquadram neste modelo se fizeram sentir abrindo brechas no discurso, supostamente, monolítico. De cultura, passa-se a falar sobre

culturas e, no interior deste debate, vão emergindo as tensões resultantes das tentativas de imposição de significados e de dominação material e simbólica. O campo da cultura revela-se, então, como um campo de lutas e abre-se outra possibilidade de diálogo entre a educação e as culturas. Incorporando novos sentidos, explicitando diversidades e singularidades, o termo cultura, passa a poder referir-se à cultura de massa, à(s) cultura(s) popular(es), às culturas juvenis, às culturas indígenas, dentre tantas outras. A movimentação dos grupos sociais instaura arenas simbólicas e discursivas nas quais os sentidos e os significados são negociados e renegociados e suas resultantes geram reflexos no campo da política.

Grupos sociais dominados apropriam-se de instrumentos conceituais e de saberes gerados por sua compreensão do mundo e procuram lutar por seus interesses e direitos a fim de ter seus conhecimentos valorizados e respeitados. Desfaz-se, então, apesar da resistência de alguns, a distinção entre alta cultura e cultura de massa, entre cultura erudita e cultura popular e entre outras perspectivas bipolares. A ênfase está colocada no significado político do termo cultura e importa analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade, entendendo padrões de comportamento e idéias compartilhadas por aqueles que nela vivem. As produções culturais estão carregadas de significados que marcam posições políticas, e a percepção de que o papel da cultura se expande leva Hall (1997) a afirmar que o poder toma a forma de uma política cultural.

Neste ponto, importa retomar a discussão sobre o lazer e sobre como a Educação Física pode dialogar com as contribuições de outras áreas de estudos. Tenho consciência de que refletir e atuar no campo da cultura no âmbito da Educação Física é procurar pensar, investigar e intervir em um campo minado. Bourdieu (2003) e Foucault (2003) alertam sobre estes riscos que, creio, merecem ser enfrentados com galhardia.

No que diz respeito, especificamente, às atuações no âmbito do lazer implementadas pelo grupo ESQUINA - Cidade, Lazer e Animação Cultural¹, estabelecemos conexões com os interesses artísticos tendo como norte a dupla dimensão do lazer, isto é, nossa intenção é trabalhar educando para e pelo lazer, apresentando novas linguagens e possibilitando novas experiências de contato com outras vias de expressão. É fundamental esclarecer que não

atuamos no sentido da formação profissional. Nossa preocupação reside em criar as condições para que os sujeitos entrem em contato com linguagens e manifestações culturais as quais desconhece por não haver muitas possibilidades de acesso em seu cotidiano e por, talvez, não terem sido educados para tal. Esta opção se apóia em Melo e Alves Jr. (2003), quando asseveram que

A experiência estética não é exclusiva da manifestação artística; está presente em muitas esferas da vida, no esporte e até nos produtos industriais que consumimos diariamente. Ainda assim, podemos dizer que a experiência estética é, por excelência, o que impulsiona a busca da arte, do prazer que as diversas linguagens artísticas proporcionam. Claro que não estamos falando da arte pela arte, nem do prazer pelo prazer, mas argumentando que desenvolver novas sensibilidades – e nesse processo ter acesso a novos valores ou ao questionamento dos valores vigentes – é uma dimensão fundamental a ser provocada pelo contato com essas poderosas linguagens. (p. 43)

Nesta perspectiva, ficam claras minhas intenções pedagógicas e as relações do lazer com a educação. Sobre estas posso citar oito, ao menos, quais sejam:

- Criar condições para buscar a arte pelo prazer que esta experiência pode proporcionar e abrir espaços para que os sujeitos vivenciem novas experiências no campo do sensível;
- Abrir espaços extra-escolares para que os sujeitos possam ter vivências diferenciadas, pois aqueles que não puderam permanecer nessas instituições por qualquer motivo, não podem ser condenados a vagar distantes das práticas sensíveis socialmente mais valorizadas;
- Criar oportunidades para que aconteça a experiência de os sujeitos serem afetados por uma cena, por um poema, por uma música ou por um filme;
- Organizar visitas a exposições fotográficas e de outras linguagens artísticas;
- Apresentar alguns aspectos técnicos que potencializem o prazer da experimentação;
- Criar uma ambiência na qual seja permitido, por exemplo, fotografar com intencionalidade, pelo prazer de se sentir autor/produtor;

¹ Coordenado por mim, sediado na Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ e apoiado por sua Pró-Reitoria de Extensão e pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

- Levar os sujeitos a perceber que a arte pode estar presente nas manifestações populares mais discriminadas;

- Levá-los a observar que todos podem ser produtores e não somente consumidores de manifestações artísticas, quaisquer que sejam.

Este conjunto, ainda inicial de ações, pode integrar um processo de educação para e pelo lazer e, conseqüentemente pode ser desenvolvido por um professor de Educação Física estudioso/pesquisador da área. Reitero que não estou falando sobre a formação do profissional de arte, ou sobre a formação de artistas, mas da criação de oportunidades de acesso a estas vivências.

REFERÊNCIAS

BERGALA, Alain. **A hipótese cinema** – pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BETTI, Mauro (org). **Educação e mídia** - novos olhares, outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 5ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005a.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

_____. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 9 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v.22, n° 2, jul/dez, 1997.

MELO, Victor Andrade de e ALVES Jr. Edmundo de Drummond. **Introdução aos estudos do lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.

Contatos da Autora:

labretas@hotmail.com